

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Elis Ramos Moreira

RELIGIÕES AMERÍNDIAS: PROBLEMATIZAÇÕES CONTEMPORÂNEAS.

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dra. Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões.

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **ELIS RAMOS MOREIRA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473199A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **RELIGIÕES AMERÍNDIAS: PROBLEMATIZAÇÕES CONTEMPORÂNEAS**. Desenvolvido durante o período de 08/2018 a 11/2018 sob a orientação de MARIA CECÍLIA DOS SANTOS RIBEIRO SIMÕES, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

ELIS RAMOS MOREIRA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou (x) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

RELIGIÕES AMERÍNDIAS: PROBLEMATIZAÇÕES CONTEMPORÂNEAS.

Elis Ramos Moreira¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo refletir algumas possibilidades acadêmicas acerca dos estudos sobre religiões ameríndias. Os debates propostos ao longo do artigo têm por máxima instigar perguntas e abrir caminhos para uma área ainda recente nas universidades brasileiras. Para tal, escolhemos dialogar com o perspectivismo ameríndio, proposto pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro. Desta forma, torna-se necessário repensar alguns conceitos antropológicos para além do binarismo natureza x cultura. Assim, este artigo adota o multiculturalismo como ferramenta para se entender os processos cosmológicos da racionalidade ameríndia. Discutimos a existência de um pensamento selvagem em contrapartida ao pensamento ocidental. A partir das práticas e crenças fomentadas dentro das sociedades indígenas, o trabalho apresenta uma problematização acerca da noção de religião entre os ameríndios. O debate proposto visa à discussão do que poderia ser entendido como religião no contexto das sociedades modernas do século XXI e de quais formas seria possível transpor a noção de religião para sociedades não capitalistas, construídas por pessoas ameríndias.

PALAVRAS-CHAVE: Perspectivismo. Multiculturalismo. Religiões Ameríndias.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo revisitar parte da obra de Eduardo Viveiros de Castro, mais especificamente, as produções que cobrem os temas acerca do perspectivismo ameríndio. A partir dos conceitos propostos pelo pesquisador, lançaremos o debate sobre a possibilidade de entendermos as relações humanas e não-humanas para além dos preceitos de sociedades modernas, ocidentais, capitalistas e antropocêntricas, ainda vangloriadas e quase nunca refutadas, nos textos acadêmicos.

A história das sociedades humanas foi contada, escrita e publicada pelos vencedores. Pelos grupos de privilégio ou prestígio social, pelos homens brancos das metrópoles. A história tradicional do ocidente invisibilizou um número considerável da população que era tida enquanto minorias políticas.

Ainda são surpreendentemente incipientes as pesquisas, as publicações e as linhas de pensamento que priorizam vozes dissidentes, minorias sociais ou grupos étnicos silenciados.

Somente a partir dos primeiros anos do século XXI, grupos que anteriormente eram tidos exclusivamente como objetos passam a militar por suas próprias vozes e racionalidades, suas próprias morais e maneiras de construir suas relações sociais e locais.

Ao considerar a tradição das publicações acadêmicas, foram diversos os trabalhos que reforçaram preconceitos e inverdades a respeito dos povos originários. Desde a visão do bom selvagem, passando pelo humano sem alma e sem fé até a cristalização de um imaginário de homens e mulheres preguiçosos, os povos que já habitavam a tal nomeada terra brasileira, são constantemente inscritos na história a partir do olhar dos brancos.

O perspectivismo ameríndio abre o caminho para pensarmos as relações sociais e as práticas culturais dos ameríndios a partir de um olhar de dentro, a partir da exaltação da racionalidade indígena. Para tal, precisamos repensar e refutar algumas formas binárias profundamente enraizadas no senso comum e recorrentemente resgatadas pelo meio acadêmico.

Para além de propor uma nova forma de lidar com sociedades não-modernas, a cosmologia ameríndia nos parece de essencial importância para a manutenção dos ecossistemas do planeta. O impacto do consumo humano no planeta tem causado um impacto ambiental imensurável. Documentários, artigos, manifestos e ONGs expressam um grito de alerta em relação às interferências humanas por todo o globo.

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: elismoreira@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões.

Ainda assim, os debates acerca das relações ambientais éticas são tímidos e facilmente refutados por governantes e lideranças globais.

A cosmologia ameríndia, por outro lado, entende que a terra não representa um bem do capital, uma propriedade ou uma ferramenta de poder. A relação dos povos indígenas com o ambiente habitado diz sobre a ideia de pertencimento, de identidade, de *locus* de cura. O espaço no qual os seres e os espíritos interagem e constroem seus ritos, suas crenças e perpetuam seus saberes.

Dessa forma, trazer à luz a racionalidade ameríndia é, inclusive, um ato de repensar a ética da humanidade em relação à utilização de recursos naturais. Possivelmente, os impactos ambientais promovidos por humanos será um dos temas mais caros para os intelectuais contemporâneos.

Na parte 5 (Contexto dos estudos da ciência da religião no Brasil), propomos alguns pontos de questionamento sobre o que seria o conceito de religião e se tal/tais conceitos seriam cabíveis de tradução para o contexto das sociedades ameríndias.

As ideias que mapearam a condução do presente trabalho estão profundamente relacionadas à produção intelectual de Eduardo Viveiros de Castro. O que nos afeta na obra do pesquisador é o olhar que o autor direciona para as práticas dos povos indígenas, exaltando uma racionalidade ameríndia e, conseqüentemente, a tradição intelectual ocidental.

Para a concepção do artigo, fizemos o levantamento bibliográfico a respeito dos temas mais pertinentes que aqui abordamos. Para colher nossos dados, utilizamos de artigos convalidados, capítulos de livros, ensaios e a construção de quase três anos de participação do grupo de estudos sobre religiões ameríndias, coordenado pela professora Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões.

2.PERSPECTIVISMO AMERÍNDIO

2.1 Fortuna crítica

Eduardo Viveiros de Castro é um antropólogo brasileiro. Sua produção se ocupa em estudar povos ameríndios amazônicos. O etnólogo americanista atua como professor titular de antropologia social na UFRJ desde 2012, também lecionando como professor e pesquisador do Museu Nacional, UFRJ.

Utilizamos a obra *A inconstância da alma selvagem* (2002) como principal fonte teórica para o presente trabalho. Não somente, recorreremos aos conceitos propostos por Tim Ingold (2011), antropólogo britânico, professor da Universidade de Aberdeen, sobre a noção de pessoa em contexto indígena.

Apoiamos-nos em artigos e ensaios que foram publicados em revistas acadêmicas e que dialogam com as obras dos autores acima. Consideramos algumas críticas e falhas teóricas apresentadas por Sáez (2012), no artigo *Do perspectivismo ameríndio ao índio real*.

2.2 Tradição antropológica

A metodologia antropológica tradicional trabalha com paradigmas conceituais binários. Frequentemente, notamos os seguintes pares atuando nas construções acadêmicas próprias das humanidades: natureza/cultura, objetivo/subjetivo, corpo/alma, rua/casa, público/privado, local/universal, dado/construído, social/imanente, animalidade/humanidade, etc.

Quando pensamos em etnografias que contemplem o cenário urbano ocidental, todos os pares acima parecem contribuir perfeitamente. No entanto, quando nosso objeto de estudo está localizado em um contexto ameríndio, precisamos rever a partir de qual ponto devemos lançar o olhar interpretativo.

Ao estudar povos indígenas devemos ter o cuidado metodológico de entender a racionalidade ameríndia de dentro para fora, ou seja, a partir da lógica interna de construção de realidade e de sociedade.

Transpor conceitos da sociedade dos brancos para as sociedades indígenas – e torcer que eles se encaixem - pode ser um perigo antropológico.

Tim Ingold, pesquisador britânico desenvolveu estudos conceituais a respeito da noção de pessoa. O pesquisador questiona os fundamentos epistemológicos do fazer antropológico. O autor aponta que, de acordo com as escolas mais prestigiadas das ciências sociais, em especial a escola francesa de sociologia, há uma inseparabilidade entre cognição e as condições sociais que fazem esta mesma cognição ser possível. Dessa forma, podemos problematizar quais são as noções de sociedade que cabem na cultura ocidental, separando, assim, que seriam “nós” e quais seriam “os outros”.

Segundo Ingold, os antropólogos estão preparados para admitir que a divisão entre natureza e cultura é produto de uma construção cultural, mas não estão preparados para ver que suas próprias noções descansam precisamente nessa mesma “fundamentação ontológica”.

(...)

É, portanto, uma ilusão, segundo Ingold (1991), supor que considerações não ocidentais e ocidentais possam ser comparadas em termos de níveis, como “construções alternadas da realidade”, pois a “primazia ontológica das contribuições ocidentais – o suposto da cultura *versus* natureza, mente *versus* corpo – está implícita em todo o projeto que os reúne como objeto para comparação. Isso resulta em uma concepção antropocêntrica da humanidade, dualista, que a vê em parte natureza, em parte cultura (Ingold, 1994). (SILVA, p.360, 2011)

2.3 Para entender o Perspectivismo Ameríndio

É a partir dessa necessidade de entender um novo signo cultural, a racionalidade do outro, o pensamento selvagem e uma lógica de olhar o mundo, que os conceitos de Viveiros de Castro nos parecem pertinentes.

De acordo com estudos de campo escritos pelos etnólogos que abraçaram o perspectivismo, o principal aspecto da construção de mundo dos povos originários seria a unidade do espírito e a multiplicidade de corpos.

Quando pensamos nos termos natureza x cultura, no presente trabalho, entendemos que eles guardam uma perspectiva móvel e são entendidos sempre por um viés de configurações relacionais.

A partir da noção de perspectivar as relações estabelecidas por povos ameríndios, devemos considerar a maneira na qual os povos nativos entendem a posição do humano em perspectiva aos outros seres com os quais compartilham o planeta. A ideia do perspectivismo está fortemente ligada à capacidade de um ser ocupar um ponto de vista impermanente.

Diferentemente da maioria das culturas modernas, os sujeitos indígenas não estabelecem que humanos são unicamente humanos e animais unicamente animais. Como esses povos enxergam a si e aos outros dependerá da perspectiva que o mesmo ser ocupa em relação ao outro.

A racionalidade ameríndia entende que os certos animais podem ser gente e podem ter um auto entendimento enquanto pessoa, caso eles estejam na posição de predadores em perspectiva aos outros seres.

O entendimento que alguns animais também são pessoas é justificado a partir da noção de que todos os seres possuem uma forma de manifestar sua existência, sendo essa manifestação somente um invólucro, um envoltório, uma roupa.

Vendo-nos como não-humanos, é a si mesmo que os animais e espíritos se vêem com humanos. Eles se apreendem como ou se tornam antropomorfos quando estão em suas próprias casas ou aldeias, e experimentam seus próprios hábitos e características sob a espécie da cultura: vêem seu alimento como alimento humano (os jaguares vêem o sangue como cauim, os mortos vêem os grilos como peixes, os urubus vêem os vermes da carne podre como peixe assado etc.), seus atributos corporais (pelagem, plumas, garras, bicos etc.) como adornos ou instrumentos culturais, seu sistema social como organizado identicamente às instituições humanas (com chefes, xamãs, ritos, regras de casamento etc.). Esse ver como refere-se literalmente a perceptos, e não analogicamente a conceitos, ainda que, em alguns casos, a ênfase seja mais no aspecto categorial que sensorial do fenômeno; de qualquer modo, os xamãs, mestres do esquematismo cósmico dedicados a comunicar e administrar as perspectivas cruzadas, estão sempre aí para tornar sensíveis os conceitos ou inteligíveis as intuições. (VIVEIROS DE CASTRO, 2002,p.227)

As palavras do antropólogo evidenciam as disparidades de entendimento do mundo, de si e do outro propostos pelos ameríndios em comparação ao pensamento imposto e importado pela hegemonia da intelectualidade europeia.

3. MULTINATURALISMO: uma nova forma de representar o mundo

Ao estudar as teorias de Eduardo Viveiros de Castro não podemos deixar de citar uma peça fundamental para o entendimento da racionalidade indígena: o conceito de multinaturalismo.

A antropologia clássica vem defendendo que uma maneira de entender o outro sem impor o antropocentrismo seria o relativismo cultural. Assim, relativizar uma sociedade seria o ato de analisar, descrever, pensar e discutir as relações sociais estabelecidas pelos atores que a compõe. O relativismo cultural descarta que a possibilidade de existir uma única forma de entender e representar o mundo e que não cultura melhor ou pior, correta ou viciosa. O relativismo implica na obliteração de ideias evolucionistas.

Ainda que seja de importante aplicabilidade nas sociedades ocidentais, o perspectivismo sugere que a noção do multinaturalismo é a teoria que propicia uma maior adequação ao estudo dos povos ameríndios.

Representar o mundo a partir do multinaturalismo é o exercício de averiguar que, a partir da epistemologia dos povos originários, cada ser possui sua própria perspectiva do mesmo mundo. O que munda é o corpo, a roupagem que o ser (humano ou não) está condicionado. Esta roupagem que irá indicar qual é o ponto de vista que o ser ocupa na cadeia alimentar, sendo que todos os seres se enxergam enquanto humanos.

Utilizamos as palavras do pesquisador brasileiro para conceituar o que seria o multinaturalismo para as sociedades indígenas:

O relativismo (multi)cultural supõe uma diversidade de representações subjetivas e parciais, incidentes sobre uma natureza externa, uma e total, indiferente à representações; os ameríndios propõem o oposto: uma unidade representativa ou fenomenológica puramente pronominal, aplicada indiferentemente sobre uma radical diversidade objetiva. Uma só “cultura”, múltiplas “naturezas” – o perspectivismo é um multinaturalismo, pois uma perspectiva não é uma representação.” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p.128)

Ao postular que todos os seres se colocam a partir da posição do humano, o pensamento selvagem refuta certas profundamente consolidadas que o humano ocidental não-indígena perpetua sobre si.

Assim, no pensamento ameríndio prevalece uma nova forma de lidar com a humanidade e com os tantos seres que constituem o planeta. O multinaturalismo cria uma abertura para compreender que o animismo presente em todos os seres. Se todos nós somos dotados de alma, não deveríamos impor uma hierarquia de legitimação e disputa por poder.

4. CRÍTICAS AO PERSPECTIVISMO

Fazer ciência é entender que mesmo teorias consolidadas e prestigiadas não abarcam todos os aspectos de uma análise social. Para além, a pesquisa elaboradas pelas diversas ciências humanas assumem proposições de pertinência condicionadas ao contexto e ao momento que foram elaboradas.

As dinâmicas sociais estão sempre em movimento e tentar engessar uma sociedade, ou ainda, analisar a totalidade das relações seria um ato em vão.

Considerando os pontos apresentados acima, depreendemos que algumas críticas são o motriz do pensamento científico. Dessa forma, gostaríamos de discutir alguns pontos cabíveis e pertinentes apresentados por Sáez (2012) enquanto problematizações das teorias elaboradas pelo antropólogo Viveiros de Castro.

Por vezes, Sáez acredita em algumas passagens, Viveiros de Castro constrói uma noção do pensamento ameríndio afastado do que seria o indígena efetivo e real. Assim, poderia cometer uma falha recorrente nas pesquisas das humanidades: exacerbada generalizações.

De acordo com o crítico, os conceitos que cercam o perspectivismo ameríndio colocam todos os povos nativos em um mesmo rol e, assim, resulta em uniformizá-los, reproduzindo um dos elementos mais condenados nas pesquisas sobre povos nativos: a exotização dos ameríndios.

Outro ponto destacado pela antropóloga Alcida Ramos diz respeito ao reducionismo proposto pelo perspectivismo. Uma vez que os conceitos dizem sobre uma cosmologia indígena e não propriamente sobre um trabalho etnográfico local e delimitado, há o risco de redução de complexidade cultural de uma determinação população nativa. “A crítica de Alcida Ramos é, como já disse, solidária e complementar à de Turner, e dá ao seu adversário uma lição magistral nessa mesma arte que lhe achaca, a de reduzir. Os perspectivistas são, para começar, reduzidos à formulação paradigmática do perspectivismo. Eles, a julgar pela avaliação de Ramos, renunciaram à etnografia em prol da doutrina.” (SÁEZ, 2012, p. 11)

Dessa forma, uma saída para atenuar as possíveis falhas propostas pela teoria de Eduardo Viveiros de Castro seria o trabalho de campo e um trabalho metodológico que incluísse a etnografia. Assim, poderia ser atenuada a prevalência de um indígena genérico ou mesmo hiperreal.

Não creio que seja necessário continuar. Ramos e Turner defendem a etnografia contra a generalização perspectivista, mas o perspectivismo não está fadado a substituir a etnografia. Pode, pelo contrário, promover a variação na etnografia, fornecendo uma alternativa às vaguidades interpretativas – esse ecologismo genérico do qual nunca os índios se veem livres - ou a essa exotização de contrabando que se manifesta cada vez que se repete que tais e quais cosmologias indígenas são alheias às feias dicotomias do pensamento ocidental. Desencantados há muito tempo das virtudes da generalização per se, continuamos – todos – generalizando, porque sem isso o próprio ato de especificar, numa etnografia mais atenta e mais fina, seria fútil. Cabe, porém, distinguir – como sugere Strathern (2002) – entre generalizações mais interessantes e produtivas e generalizações que apenas reiterem um comum denominador. (SÁEZ, 2012, p.14)

5. CONTEXTO DOS ESTUDOS DA CIÊNCIA DA RELIGIÃO NO BRASIL

A partir das noções apresentadas no presente trabalho, como poderíamos relacionar os discursos e as teorias propostas pelos antropólogos em diálogo com as pesquisas das Ciências da Religião no Brasil?

De acordo com o relatório Quadrienal da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Diretoria de Avaliação), ano de 2017, os cursos de graduação e pós-graduação em Ciências da Religião são ainda recentes no país.

As pesquisas acadêmicas em Ciências da Religião e Teologia datam aproximadamente 45 anos, sendo que, até 2016, essa arena de pesquisa estava referida como subárea de Filosofia ou Teologia.

A tradição das pesquisas e dos conceitos dos programas de Ciência da Religião ainda está profundamente imbricada nas religiões Católicas e Protestantes, sendo ainda timidamente representados no cenário intelectual os estudos sobre religiões de matrizes africanas e indígenas.

Se considerarmos que a história da colonização do Brasil está diretamente ligada ao projeto de catequese de povos nativos, notamos que corremos o risco de entender essa grande país como uma pátria católica – ou ainda mais recentemente, neopentecostal.

Assim, gostaríamos de problematizar a questão da invisibilidade acadêmica de religiões de diversas matrizes globais e destacar os perigosos sociológicos de uma história única.

Para além da concentração da produção intelectual voltada quase unicamente para a história do norte, gostaríamos de problematizar, também, o tema da representatividade.

Ainda que povos indígenas apareçam nos livros e nas pesquisas sobre religiões brasileiras, de quais formas essa diversidade é inscrita? Quais indígenas são possíveis no Brasil? Ou seria somente “um índio”? Como entender ritos religiosos praticados por diversos povos sem considerar a perspectiva pela qual o grupo se coloca (e não é colocado)?

Ao considerar as ponderações acima, o que nos parece mais adequado para as construções do século atual seria ponderar os estudos das Ciências da Religião em consonância com as diversas áreas das humanidades e, em especial, com os estudos que priorizam as epistemologias do sul e a visibilidade de vozes dissidentes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente trabalho tentamos destacar pontos de reflexão sobre o olhar acadêmico no que diz respeito às novas epistemologias, às ressignificações do local de representatividade dos povos originários e a contemplação de uma racionalidade não europeia, não-moderna e não-positivista na agenda da intelectualidade atual.

Enquanto pesquisadores iniciantes, temos clareza da importância dos estudos canônicos e das escolas clássicas das humanidades.

Enquanto pesquisadores inseridos no contexto dos movimentos sociais, coletivos e debates pós-coloniais, carregamos o desejo maior de visibilizar grupos minoritários e historicamente subalternizados.

Os estudos atuais sobre as Religiões Ameríndias clamam por um olhar mais sutil e mais sensível em relação ao objeto escolhido. Representar os ameríndios de forma a exaltar uma racionalidade própria nos parece extremamente óbvio e, ainda assim, oportuno e urgente.

Dessa forma, a teoria proposta por Viveiros de Castro em conjunto com os debates contemporâneos sobre as relações pós-coloniais nos abrem caminhos para pensar uma nova forma de pesquisar e estudar os povos indígenas.

REFERÊNCIAS

CAPES. *Relatório da avaliação quadrienal 2107: Ciências da Religião e Teologia*. Disponível em: http://capes.gov.br/images/documentos/Relatorios_quadrienal_2017/20122017-Ci%C3%AAncias-da-Religi%C3%A3o_relatorio-de-avaliacao-2017_final.pdf. Acesso em: 15 nov. 2018.

INGOLD, T. Beyond biology and culture. The meaning of evolution in a relational world. *Social Anthropology*, v. 12. N 2, p. 209-221, 2004.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: 34, 1994.

SÁEZ, Oscar Calavia. Do perspectivismo ao índio real. *Campos*, v. 13 (2), p. 7-23, 2012.

SILVA, R. A teoria da pessoa de Tim Ingold: mudança ou continuidade nas representações ocidentais e nos conceitos antropológicos? *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 2017, n.35, p. 357-389, jan./jun. 2011

VIVEIROS DE CASTRO, E. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In: _____. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios antropológicos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 226-254.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Manas*. Ano 1996, n.2, v.2 p. 115-144, 1996.